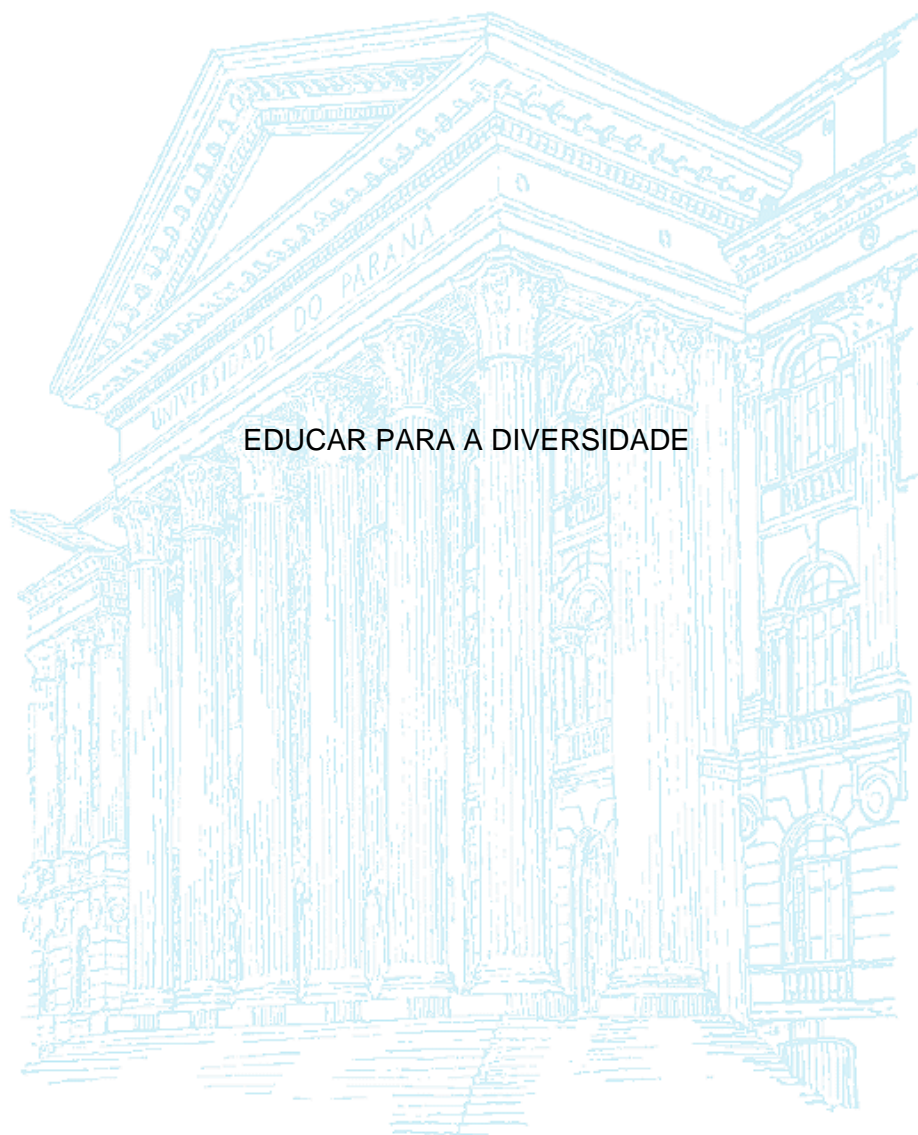


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROBERTO LUCIO DE VARGAS



EDUCAR PARA A DIVERSIDADE

ITAJAÍ
2016

ROBERTO LUCIO DE VARGAS

EDUCAR PARA A DIVERSIDADE

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Joaquim M. M. Valverde

ITAJAÍ
2016

EDUCAR PARA A DIVERSIDADE

Roberto Lucio de Vargas¹;
Joaquim M. M. Valverde (orientador)²

RESUMO

Na escola deve haver espaço para todos se expressarem, para socializarem suas experiências, num ambiente colaborativo, elevando a auto-estima de todos os envolvidos no processo educacional e, com certeza, influenciando diretamente nas situações de ensino-aprendizagem. Debater questões da diversidade pode contribuir na formação do espírito crítico e possibilitar o respeito em um mundo de diferenças. O objetivo desse estudo foi examinar as principais dificuldades do professor ao abordar a diversidade na sua prática pedagógica e o objetivo específico as possibilidades de educar para a diversidade. A pesquisa feita nesse trabalho focou minha experiência profissional e bibliografias. Na experiência profissional percebo as dificuldades que possuo e a de muitos colegas de profissão. Nas bibliografias são apresentadas sugestões para trabalhar o tema diversidade. Nas dificuldades do professor ao abordar a diversidade, percebo que alguns profissionais tratam o tema diversidade, mas a grande maioria pensa nas questões de raça, ou sobre questões heterossexuais, esquecendo sujeitos com opções diferentes.

Palavras-chave: currículo; diversidade; educação

ABSTRACT

At school there should be space for everyone to express themselves, to socialize their experiences in a collaborative environment, raising the self-esteem of everyone involved in the educational process and, of course, directly influencing the teaching-learning situations. Discuss issues of diversity can contribute to the formation of critical thinking and enable respect in a world of differences. The aim of this study was to examine the main difficulties of the teacher to address the diversity in their teaching and the specific objective possibilities of educating for diversity. The research done in this work focused on my professional experience and bibliographies. The professional experience I realize the difficulties of my own and of many colleagues. In the bibliographies are presented suggestions for working the theme of diversity. The difficulties teacher have to address the diversity shows me that some professionals deal with the theme of diversity, but the vast majority think

¹ Roberto Lucio de Vargas é Mestre em Educação pela UNIVALI. Possui graduação em Filosofia pela Universidade São Francisco e Ciências da Religião pela FURB com Especialização em Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso também pela FURB e especialização em Filosofia e Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. Atualmente é professor efetivo de Ensino Religioso da Prefeitura de Itajaí. Email: betovgbeto@bol.com.br.

² Joaquim M. M. Valverde (orientador). Atuação Profissional de área de Engenharia de Software em grandes empresas nacionais e internacionais desde 1972. Professor de Tecnologias da Informação e Comunicação e Coordenador de Educação a Distância no Instituto Federal Catarinense - Campus Camboriú. Doutor e Mestre em Comunicação Social - Área de concentração: Processos Comunicacionais pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Bacharel em Administração de Empresas pela Unisantana, SP. Email: valverde@ifc-camboriu.edu.br.

the issues of race, or about heterosexuality, forgetting that people have different options.

Keywords: curriculum; diversity; education

INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, ainda temos muitos educadores e muitas escolas que parecem estar preocupadas com o conhecimento distanciado da realidade na qual educadores e estudantes estão inseridos. Por vezes há na escola um ensino enfadonho, privilegiando uma educação que só repassa conceitos, não ajudando o educando na construção do próprio conhecimento, o que leva a cidadãos inábeis, com dificuldade para refletir, agir, estabelecer e renovar o conhecimento (MORAES, 1997).

A educação é um campo de trabalho permeado por questões complexas que requerem diferentes saberes e especializações para respondê-las. Aos poucos foi-se deixando de lado certas complexidades e enriquecendo as diretrizes curriculares com conteúdos relacionados aos temas transversais, que são considerados de urgência nacional e local, para serem trabalhados em todas as disciplinas, a partir de uma abordagem crítica, buscando atender aos anseios de uma sociedade democrática.

Debater questões de diversidade com professores é contribuir com a escola em sua incumbência formadora de espírito crítico e conceitos para se posicionarem com equilíbrio em um mundo de diferenças e variações. A escola e sua educação são integrantes do processo de educar sobre gênero e sexualidade, poderá abrir possibilidades para que as várias disciplinas tenham estilos e informações sobre o tema e que venha contribuir de forma positiva em face ao contexto atual, pois é também na escola que pode ser pensada uma forma de acesso a igualdade a todos, a tolerância e aceitação da diversidade (NARDI e QUARTIERO, 2012; ALTMANN, 2013, DINIS, 2008).

Educar para a diversidade de gênero, sexual, religiosa, dentre outras, é ajudar no desenvolvimento de uma maneira crítica em relação ao pensamento de que é natural existir a diferença. Com isso a escola e seus profissionais devem estar preparados para não apresentar conceitos absolutos e fechados, com possibilidade para reflexões que irão permitir aos educandos e educandas, bem como aos

profissionais da educação, entender as implicações éticas e políticas das disparidades sobre a diversidade e estabelecerem sua própria ideia nesse debate e assim ajudar a serem sujeitos que possam refletir sobre o acesso de todos à cidadania e compreender que as diferenças devem ser respeitadas e promovidas e não aproveitadas como critérios de exclusão (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009).

A respeito da diversidade muito se tem falado. É importante aprender com a história e caminhar a partir da ótica do respeito, da dignidade, construindo uma sociedade que valorize e que promova a todos. Tirar do papel as boas intenções, as bonitas fórmulas e colocá-las em prática, não somente inverter papéis, mas juntos pensar e construir uma sociedade na qual todos possam ter os mesmos direitos e deveres. É utópico, mas é possível. É como a semente, aos poucos vai crescendo e torna-se árvore, e dará frutos. E esses frutos serão colhidos e aproveitados por todos em qualquer lugar, sem distinção alguma.

Considerando que a diversidade é um dos temas atuais no debate acerca das pesquisas em educação, o estudo voltado para o educar para a diversidade de gênero, examinará quais são as principais dificuldades do professor ao abordar o tema na sua prática pedagógica. O estudo neste sentido pode não ser um fim em si mesmo, mas abrir caminhos para que outras temáticas sejam estudadas, ampliando desse modo os horizontes do debate educacional.

O objetivo geral do presente estudo busca examinar as principais dificuldades do professor ao abordar a diversidade de gênero na sua prática pedagógica, que leva em conta a formação do professor, o currículo e os métodos didáticos que o educador utiliza em sua prática; e o objetivo específico as possibilidades de educar para a diversidade, apresentando formas de trabalhar com os educandos o tema levando em conta o respeito e aceitação das diversidade presente na escola e na sociedade.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho estiveram focados em minha experiência como profissional da educação e em bibliografias sobre o tema. Na minha experiência profissional percebo as dificuldades que ainda possuo

no tratamento da diversidade, bem como as de muitos colegas de profissão e nas bibliografias as várias possibilidades apresentadas para trabalhar temas relacionados à diversidade, e também a falta ou pouco tratamento dos mesmos nos documentos oficiais do município de Itajaí, onde trabalho no momento.

As características da pesquisa focam um ambiente como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, perceber o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são a preocupação essencial do investigador, e os pesquisadores utilizam o enfoque indutivo na análise dos seus dados. (GODOY, 1995).

O motivo da escolha da pesquisa relacionada à probabilidade de examinar as principais dificuldades do professor ao abordar a diversidade na sua prática pedagógica e as possibilidades de educar para a diversidade, que leva em conta a dinamicidade do processo e a liberdade de ser e pensar, bem como perceber a importância da diversidade na edificação do saber.

Dessa forma, com o trabalho quero indicar possibilidades de estratégias e métodos de ensino que, na educação para a diversidade, ajudem o aluno a atuar como cidadão consciente quanto a importância da diversidade e apto para estabelecer novas formas de comportamento, que não aceite réplicas de atitudes ultrapassadas, fóbicas e discriminatórias de indivíduos e grupos sociais, e perceber o que está além do palpável e dê novo significado à realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Educar para a aceitação de tanta diversidade, principalmente as relacionadas ao gênero e sexualidade, presente na nossa sociedade e nas nossas escolas parece um tema que já deveria estar presente nas mais variadas disciplinas e ser uma constante na escola. Se a diversidade é presente, por que ainda percebemos a dificuldade de alguns educadores ao trabalhar o tema? Altmann (2013) enfatiza que estratégias educativas da diversidade sexual mobilizam valores pessoais, religiosos, éticos, que mostra a necessidade de intervenção na formação profissional do educador. Muitas vezes a falta de conhecimento e de abertura para o que é diferente pode ofuscar o professor no educar para a liberdade. Educação que pode ajudar

peessoas a serem mais conscientes das naturezas das diversidades individuais e respeitarem o outro, na sua forma de ser, agir e pensar.

Ao longo da história da humanidade algumas pessoas se interrogavam sobre sua pessoa e sobre o mundo a sua volta. A diversidade sempre esteve presente e as descobertas instigavam a reflexão das pessoas sobre o passado, o presente e o futuro. Encontramos diferentes manifestações, formas de agir e políticas que são desenvolvidas para amenizar a intolerância com a diversidade de gênero. Ações tem sido desenvolvidas sobre o assunto, como as Políticas Públicas que pressupõe a ideia de que o Estado deve ter um compromisso permanente a fim de promover o exercício da cidadania e do respeito aos direitos humanos, bem como o desenvolvimento de políticas de inclusão. (DINIS, 2008). Quando políticas públicas contra a discriminação são apresentadas estas têm como foco não apenas apontar práticas preconceituosas, mas também a intenção de transformar as formas de pensar sobre os indivíduos e de respeitar as pessoas, ao aceitarem a diversidade e os novos valores que elas trazem. Costumes se alteraram, novas maneiras de pensar foram desenvolvidas, porém os preconceitos ainda são comuns em alguns ambientes escolares, inclusive entre professores.

Para que a intolerância frente as diversidades possam diminuir sua força, é fundamental o envolvimento de pessoas com formação e interesse profissional em educação para a diversidade, e que amplie e desenvolva uma postura crítica em relação a naturalização da diferença, que não deve ser uma discussão fechada. Para isso a escola não pode apresentar verdades fechadas, por exemplo apresentar um único caminho para entender a sociedade, mas reflexões que possibilitem a todos entenderem as alusões éticas e políticas de diferentes posições sobre o assunto e construïrem sua própria opinião nesse debate. (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009).

Na atmosfera escolar professores e educandos podem ser capazes de erigir identificações pessoais e grupais, têm a habilidade de exercitar o direito e o respeito às diferenças. É no espaço escolar que educadores observam o que o compõe, as relações que se formam, quem tem voz e quem não tem, quais materiais pedagógicos são adotados nos distintos campos do conhecimento e se são adequados à naturalização das diversidades sexual, gênero, raça, religiosa, dentre outras.

O professor despreparado está nesse universo e, cada um da sua maneira busca construir uma sociedade mais justa e com respeito, percebendo as dificuldades que possui e as enfrenta da melhor forma, porém com dificuldade de reconhecer o diferente, de repensar seu modo de agir. Tem dificuldade em reestruturar seu pensamento e dar espaço para o novo e para o diferente.

Através da minha experiência na escola com relação ao tema diversidade sexual ou de gênero percebo que muitos educadores:

Continuam a repetir aquelas frases (como aquelas citadas), que soam cada vez mais como jargões já bem desgastados. Em alguns educadores isso tem gerado o imobilismo e o descrédito na função da educação dentro da sociedade. Em outros tem gerado uma posição de impotência frente às necessidades de mudança, o que os leva a continuar dirigindo sua prática educativa pelo senso comum, embora talvez nem cheguem a constatar isso. (Oliveira e Duarte, 1992, p. 42-43).

Essa prática voltada para o senso comum, uma compreensão do mundo resultante da herança fecunda de ambientes sociais repletos de preconceitos quanto a diversidade e que levam à discriminação das experiências vivenciadas, que continuam sendo efetuadas. Professores carecem estar ciente de seus preconceitos e estarem motivados e a motivar seus educandos para entenderem e pensarem de novas formas de verem determinadas situações de modo diferente. Com o uso da criatividade, observa-se os fatos, coleta-se dados e hipóteses, que poderão se transformar em novas maneiras de ver e explicar a diversidade, em especial a sexualidade.

A escola é uma forma fundamental de promoção da igualdade de direitos. Para que cumpra esta função, o respeito à diversidade sexual é ali imprescindível, caso contrário, ela instaura práticas discriminatórias e heteronormativas que excluem ou invisibilizam diferenças. (Altmann, 2013, p. 77).

Nos processos educativos, alguns profissionais evidenciam muitas vezes, pseudo verdades heterossexuais. Nesse caso, para eles, fugir do padrão heterossexual é considerado errado. Sendo assim, olhar para os sujeitos e sua sexualidade unicamente a partir de um indicativo biológico binário, naturalizam-se diferenças que dizem respeito ao corpo, ao gênero e à sexualidade. Muitas vezes não nos damos conta da silenciosa e sutil forma de reiterar as masculinidades e as feminilidades são construídas e lapidadas cotidianamente nos gestos, nas falas, nas

orientações, nos jogos e nos comportamentos. É apresentado o modelo masculino/feminino, branco e heterossexual, e todas as pessoas que não se encaixam nele são o outro, que é tratado como inferior, estranho, diferente (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009).

Acredito que a formação continuada de professores possui um papel fundamental, uma vez que preparar professores para pensarem e trabalharem com a diversidade no contexto escolar significa abrir lugares que possibilitem a escola ser um local em que as diferentes identidades são respeitadas e valorizadas, e são entendidas como fatores promotores da cidadania. Não teremos mais o olhar acrítico da diversidade. Teremos o questionamento, a participação e a decodificação de teorias, conceitos, discursos e mensagens que compõem o currículo e as práticas em sala de aula e que muitas vezes se apresentam impregnados de preconceitos, estereótipos, silêncios e omissões (CANEN e XAVIER, 2011).

Ao escolher participar neste curso Gênero e Diversidade da UFPR tinha presente a lacuna na minha formação sobre o tema gênero, diversidade orientação sexual. Tinha pleno conhecimento da minha formação discriminatória para que eu não continuasse a fomentar a discriminação na escola e fora da mesma. Como educador sinto os preconceitos presentes hoje e com o curso consegui desenvolver iniciativas, ainda que pequenas, para fortalecer e promover o respeito e a valorização da diversidade. A partir dos relatos de alguns alunos percebi o quanto fui fortalecedor do preconceito, portanto foi necessário que mudasse minha postura e promovesse a valorização das diversidades da sociedade brasileira. Acredito que com o curso estarei mais preparado para contribuir para a ampliação do debate em torno do respeito à diversidade e do combate às formas de discriminação envolvendo gênero, sexualidade e relações étnico-raciais nas escolas em que atuo. A formação de professores em cursos como este podem ser alternativa de estratégia para sua preparação no tratamento de temas tão delicados e importantes como os da diversidade.

A diversidade, para ser trabalhada, necessita ser estudada, e para ser estudada há necessidade de abertura para isso. A formação tanto inicial quanto continuada precisa prever momentos de temas relacionados com a diversidade para que o profissional de educação possa entrar em contato com o mesmo e ir deixando

de lado os seus próprios preconceitos para poder ajudar-se e ajudar os educandos na busca pela cidadania.

Devemos trabalhar o conhecimento construído historicamente, mas esse precisa sempre estar ligado à realidade na qual a escola está inserida, adaptando a realidade estaremos possibilitando a abertura para que assuntos como diversidade de gênero sejam contemplados e trabalhados com seriedade.

Para melhorar a compreensão acerca das diferenças entre os ambientes da escola e a realidade dos estudantes, acredito que seria importante se em cursos da especialização sobre Gênero e Diversidade, como este da UFPR, tivesse um componente curricular que trate especificamente dessa adaptação curricular à realidade. Essa ideia está ligada a própria construção curricular que perpassa entre o conhecimento e o contexto social. No conhecimento social o conhecimento é concebido e produzido e daí “traduzido” para o ambiente educacional, as salas de aula. Sacristán e Gómez (1998) destacam que o currículo é a expressão dos objetivos de aprendizagem selecionados que dão lugar à criação de experiências apropriadas com efeitos cumulativos avaliáveis.

Conceituar currículo é apresentar as funções da escola e enfocá-las na história e sociedade em que está inserida, levando em conta determinado nível de educação e instituição, como forma de ter acesso ao conhecimento e entrar em contato com a cultura na qual o estudante está realmente inserido.

A prática curricular se expressa em comportamentos diversos e estabelece diálogos entre todos os segmentos escolares e familiares, expressando a prática e contextualizando-a. Cultura, códigos pedagógicos e ações práticas expressam e modelam os conteúdos e as formas de serem trabalhados e se realizam os fins da educação.

O currículo relaciona-se com a instrumentalização que faz da escola um determinado sistema social, dotando o conteúdo e a missão expressa por meios quase universais em todos os sistemas educativos, apesar dos condicionamentos históricos e peculiaridades de cada contexto e adquirem certa especificidade em cada sistema educativo (SACRISTÁN, 2000).

Não podemos negar o papel da escola como espaço destinado à socialização do saber sistematizado e generalizado mas que também deve centrar-se no aqui e agora, para ampliar a curiosidade intelectual e a substituição da descrição teórica

pela troca de experiências reais. Esse processo, pode, inclusive, diminuir os obstáculos que determinadas camadas sociais têm para se apropriarem do conhecimento historicamente elaborado. O importante é tornar professores e alunos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem e a comunicação entre eles, ser o centro do método de ensino, com o entendimento do geral a partir do conhecimento específico dos estudantes.

A importância de um componente curricular sobre o tema escola e realidade ajudará os educadores no entendimento de que a prática curricular se expressa em comportamentos diversos e estabelece diálogos entre todos os segmentos – escolares, familiares e pessoais – expressando a prática e sua contextualizando teórica. Cultura, códigos pedagógicos e ações práticas expressam e modelam os conteúdos e as formas de serem trabalhados e se realizam os fins da educação (DOMINGUES, 1988).

Sendo assim, a preocupação em compreender como, historicamente foram se constituindo as teorias de currículo fundamenta-se na busca de entender os paradigmas científicos que nortearam a construção dos currículos, e os modos como se articulam os diversos fatores na sua construção e como foram assumindo uma unidade de sentido a partir de determinadas ideologias e/ou matrizes teóricas de compreensão do currículo em articulação com a cultura.

Pensar o currículo como algo estável e linear é negar a possibilidade de reconstruí-lo e de resignificá-lo. De alguma forma, todos os professores reconstroem o currículo, o resignificam e o traduzem na sua prática. Tradução que ocorre nos eventos e processos, como um todo, da escola. Que ocorrem nas reuniões das áreas curriculares, que são importantes para pensar as mudanças rotineiras e pedagógicas, quer dizer, acontece na relação escola e realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinar algumas dificuldades do professor ao abordar a diversidade de gênero na sua prática pedagógica, percebi que alguns profissionais tratam o tema diversidade, mas a grande maioria pensa nas questões de raça, ou sobre questões heterossexuais, que para muitos é considerada a única certa, esquecendo o grande leque de sujeitos com opções diferentes, pois ser diferente é uma questão de

perspectiva, afinal o outro é tão diferente aos meus olhos como eu o sou aos olhos dos outros.

Possuímos personalidades diferentes, bem como maneiras de pensar, falar, ouvir e ver, a cor do cabelo, dos olhos, da pele, as opções sexuais, religiosas e tantos outros atributos que nos diferenciam como indivíduos. Vivemos em locais diferentes, com culturas, religiões e hábitos diferentes. Por vezes, estas diferenças geram um tipo de sentimento prejudicial contra aqueles que parecem diferentes de nós, que não se enquadram na nossa raça ou nas nossas escolhas. Isto é não entendermos a grande diversidade que possuímos em nossa sociedade, acreditando que alguns são superiores e outros inferiores.

Na escola não é diferente, pois ocorre, por parte de muitos profissionais, um desvio no olhar da diversidade de gênero. Trabalham o tema, mas não o aprofundam e são, muitas vezes, tão superficiais que a discussão da problemática não surte efeito de mudança. Acredito que o que ocorre é a grande dificuldade que muitos possuem para trabalhar questões de preconceito próprio. Há uma grande preocupação a respeito até onde se pode chegar ao trabalhar as questões de gênero e como trabalhar com os preconceitos de toda comunidade escolar, pois muitos educandos e inclusive professores são olhados de forma diferenciada quando apresentam algum comportamento diferente dos demais.

Alguns currículos, por sua vez, deixam lacunas no quesito da diversidade. No município de Itajaí, por exemplo, fala-se muito nos currículos da diversidade, mas por não citar quais, geralmente alguns professores, acabam enfatizam a diversidade negra ou indígena. É de suma importância trabalhar a mesma, porém não citar diversidade de gênero e sexual, poderá enfatizar ainda mais o preconceito e dar a impressão que as mesmas não existem em nossas escolas e por isso não precisam necessariamente serem trabalhadas.

Como ocorre uma grande preocupação de “passar” os conteúdos formais, há pouco espaço e muitos profissionais não abrem para a discussão da diversidade de gênero, sexualidade, raça, religião. Está muito presente na escola o que acredito que é importante o aluno saber. O conhecimento poderá ou não fomentar o respeito, mas é fundamental que o aluno tenha conhecimento dos mais variados assuntos. Não que não seja importante o aluno ter o conhecimento do saber construído

socialmente, mas esse precisa ser articulado com as questões pertinentes da nossa sociedade.

A formação continuada é outro problema. Poucas formações são ofertadas para instruir sobre estratégias e métodos para abordar a questão de gênero no ambiente escolar específico. Muitas vezes parece que o problema não existe, ou que pessoas com opções diferentes não fazem parte da realidade escolar. Falta, para muitos profissionais, sair da zona de conforto e aprender novos conceitos sobre o tema. Acredito que muitos dos preconceitos dos profissionais de educação estão baseados no não conhecimento sobre o assunto, que os leva a falarem de forma superficial, privilegiando o senso comum e não o conhecimento concreto do assunto.

Temos várias possibilidades de educar para a diversidade. No curso consegui conhecer melhor sobre gênero e sexualidade e entender assuntos que desconhecia ou achava que conhecia. Aprender sobre as opções sexuais e de gênero que muitas pessoas possuem, contribuiu na minha formação e ajudou-me a respeitar as pessoas nas suas opções e entender que podemos caminhar e trabalhar juntos, porque o objetivo é uma sociedade que respeite as diversidades.

Educar para a diversidade não é pensar em costumes e posturas uniformes. A sociedade não é homogênea, somos diferentes, possuímos gostos, opções diferentes e precisamos ser respeitados pelo que somos e optamos ser. É importante ensinar o respeito não de forma sistemática ou estrutural, mas baseado na aceitação, procurando somar e nunca dividir. Estando abertos à plenitude, independentes das opções feitas por cada um, aceitando a multiplicidade, entendendo o semelhante e o respeitando como ele é e não como gostaríamos. Durante a caminhada de estudos no curso pude ter a oportunidade de melhorar meu conhecimento através das aulas presenciais e do aprofundamento através das leituras. O curso foi uma oportunidade de perceber que não sei tudo e mesmo quando acredito conhecer sobre o assunto, ainda tenho a aprender.

Considerando a importância de estratégias para implantar nas escolas que trabalho, penso nas situações que influenciam na vida cotidiana das pessoas, sejam elas sexuais, sociais, culturais, políticas e religiosas. Estratégias com o objetivo de refletir sobre como as diferenças podem ajudar a nos conhecermos melhor e nos respeitarmos. É importante pensar também em reconhecer a pluralidade de pessoas e compreender que a sociedade brasileira é formada por pessoas que pertencem a

grupos étnicos distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem a sociedade que vivemos e que também fazem história.

Estratégias sobre diversidade e gênero precisam ser retrabalhadas sempre. Precisamos pensar novas dinâmicas que cogitem a questão das opções sexuais das pessoas. São desafios que ainda temos e para os quais precisamos encontrar respostas, para ir dirimindo dúvidas e apontando alguns caminhos.

Sair da teoria e ir à prática parece ser sempre o maior desafio pois, para isso, a sala de aula deve ser transformada em um espaço que respeite a individualidade dos estudantes e professores, suas escolhas e os processos de desenvolvimento únicos não devem se perder numa ansiosa vontade de hegemonização. Para que a autonomia individual consiga se estabelecer, relações solidárias e de ajuda mútua devem ser valorizadas, saber conviver é tão importante quanto aprender a vencer.

A criação de espaços para que os estudantes ensinem os conhecimentos que já possuem, demonstram na prática o respeito a outros tipos de saberes e promove o bem-estar pessoal e coletivo.

Sugestões que pensam a educação como um processo em que todos possam ser integrados e todos possam aprender a aprender. O professor interfere através de sua teoria, de sua prática, de sua didática, de suas atitudes e também daquilo que ele acredita ser importante ensinar, e que está expresso no currículo que é um projeto de cultura e de socialização através dos conteúdos e das práticas criadas em torno de si. Interfere quando não reduz a dimensão política da educação à dimensão moral, cria possibilidade de descobrir os elementos ideológicos que intervêm na educação e proporciona aos educadores entenderem e participarem do processo de construção das políticas curriculares.

A criatividade não fica confinada às possibilidades já preestabelecidas por programas e permite a ação livre da aprendizagem. O respeito precisa ser cultivado diariamente, saber sobre e promover várias formas de viver devem fazer parte do cotidiano. Portanto, o respeito e a discussão aberta sobre todos os temas devem ser práticas concretas e sem preconceitos no dia a dia da sala de aula

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sex., Salud Soc.** [online]. n.13, p.69-82, 2013.

CANEN, Ana e XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. **Rev. Bras. Educ.** [online]. n. 48, vol.16, p. 641-661, 2011.

DOMINGUES, José Luiz. **O cotidiano da escola de 1º grau: o sonho e a realidade**. 1988. 282 p. Tese de doutorado em Psicologia da Educação. Coleção Teses Universitárias, 45. São Paulo: EDUC – Ed. Da PUCSP, 1988.

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES EM GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. **Livro de conteúdo**. versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. [online]. v. 35, n. 2, mar./abr., p. 57-63, 1995.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MORAES, Maria C.. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

NARDI, Henrique Caetano e QUARTIERO, Eliana. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. **Sex., Salud Soc.** [online]. n.11, p. 59-87, 2012.

OLIVEIRA, Betty A. e DUARTE, Newton. **A socialização do saber escolar**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ª ed. Porto Alegre, Arned, 2000.

_____, J. Gimeno e GÓMEZ, A. I. Perez. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4ª ed. Porto Alegre, Arned, 1998.